

(RE)CONFIGURAÇÕES DAS MOBILIDADES CULTURAIS EM *OS RIOS PROFUNDOS* DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS, E *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

Ezilda Maciel da Silva
Universidade Federal do Pará – UFPA

RESUMO:

Circunstanciada na estratégia narrativa de ler, traduzir e dialogar com o outro a comunicação ora proposta intenciona refletir como os narradores Ernesto de *Os Rios Profundos* do escritor peruano José María Arguedas (1978) e Nael de *Dois irmãos* (2000), do brasileiro Milton Hatoum, representam a experiência do outro e de si no movimento de interação intersubjetiva com as paisagens culturais latino-americanas. A proposta é apontar como esses dois narradores expõem em suas atuações os movimentos do contato entre culturas indígenas locais misturadas ao contexto do global mesmo em regiões aparentemente isoladas como é o caso dos Andes peruanos e da Amazônia brasileira. Para dimensionar esse movimento de perceber as experiências da voz narrativa múltipla de si mesma, trabalha-se com as concepções de guinada subjetiva da memória, a luz de Beatriz Sarlo, de comarca cultural, conforme entende Angel Rama entre outros. Assim, entre o testemunho e a memória do deslocamento, os narradores hatouniano e arguediano (re)configuram paisagens, passagens e sujeitos posicionados na interface da memória, experiência e culturas em constante fluidez frente às marcas da diferença das comarcas culturais latino-americanas.

Palavras-chave: Figuração, Estrangeiro, Olhar, Sul, Travessias.

XI CONGRESSO
BRASILEIRO
DE HISPANISTAS



(RE)CONFIGURAÇÕES DAS MOBILIDADES CULTURAIS EM *OS RIOS PROFUNDOS*, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS, E *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM

Mi nueva casa es un puente
Sobre un río que pasa
Cuando lo atravieso
Me sé en verdadera morada
Mi nueva casa es un camino
Sobre una tierra alada
Cuando ando celebro
Cada uno de mis pasos
(Aimé Boloños)

O excerto acima, extraído do livro de poemas *Las palabras viajeras* (2010) da cubana Aimé Boloños, nos inspira a pensar um deslocar que metaforiza as novas formas linguísticas, culturais e epistêmicas representativas de agora, de realidades nas quais sujeitos, lugares e culturas estão em constante movimento, se interconectando e se reconfigurando num fluxo por vezes inapreensível em nossas formas convencionais de perceber a interação entre as culturas.

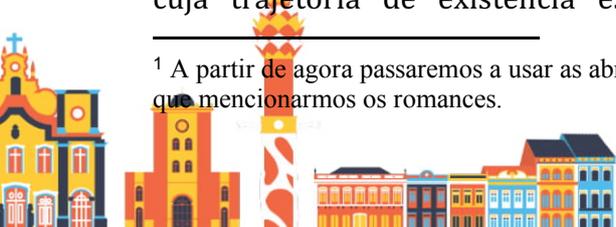
Enquanto ponte, essa casa é metáfora que desloca a fixidez e materializa a incerteza, o gesto contínuo de viver o deslocamento rumo a outros espaços marcados pelo duplo: entre-dois, travessia.

De diferentes formas, as pontes/casas ou pontes/caminhos estabelecidas nos romances *Dois Irmãos*¹ (2000), de Milton Hatoum e *Os Rios Profundos* (1978), de José Maria Arguedas, também são espaços que instauram, com distanciamento crítico e apurado, as possibilidades de pensarmos as Américas, a partir de espaços inter/transculturais inseridos a seu modo, nesses processos de hibridação.

Evidentemente, efetuando-se as devidas mediações entre os mundos, ficcional e real, esses dois escritores situam-se além das fronteiras de um terceiro espaço de criação e invenção marcada pelos os movimentos de personagens que inscrevem importantes aspectos da realidade do homem nas Américas, reivindicando a assunção de uma literatura solidária, rizomática e aberta.

Em linhas gerais, *DI* apresenta a história de uma família libanesa, marcada pelo ódio entre os irmãos gêmeos Omar e Yaqub, somada ao conflito de Nael, um narrador testemunha cuja trajetória de existência está marcada por conflitos, confluências, incompletudes,

¹ A partir de agora passaremos a usar as abreviações *DI* para *Dois Irmãos* e *RP* para *Os Rios Profundos*, todas as vezes que mencionarmos os romances.



combinações irônicas, intempestivas que ligam o passado ao presente, ao passo que também surpreendentemente revelam o encontro entre seres humanos e seus duplos.

A história do narrador Nael se passa na cidade de Manaus umas das maiores capitais na Amazônia brasileira. Ele é filho da empregada Domingas, índia estuprada por um dos gêmeos. Sua história é a de um filho de ninguém, escravo dos afazeres domésticos, servo de todos, relegado a habitar no quintal da casa. Cabe a ele a tarefa de recriar e entender sua própria existência a partir do que ele mesmo presencia, desde os muitos lugares por onde transita.

Já *Os Rios Profundos*, do peruano José Maria Arguedas, tem como enredo a história do narrador protagonista Ernesto, um menino filho de pais brancos, órfão de mãe, que foi criado por indígenas. A história se passa nos andes peruanos, especificamente na região da serra. Sem a estabilidade de um lar e do colo materno, desde a infância, o menino narrador viveu uma vida de deambulação ao lado do pai, um advogado itinerante. Sem lugar ou espaço definido, os dois migram de aldeia em aldeia, cruzando o “Peru e os Andes de leste a oeste de Sul a Norte”. (ARGUEDAS, 2005, p.12), até que o pai decide deixá-lo em um internato em Abancay, lugar onde passa basicamente toda história.

Assim sendo, os dois enredos, cada um a sua maneira, vai desenhando através do olhar atento desses dois narradores os movimentos, convivências e contatos que levam o leitor a perceber as diferenças culturais, espaciais e temporais vendo-as como ponte de travessia múltipla para o entrelaçamento de corpos marcados pela riqueza cultural de povos regidos por dinâmicas outras que não a da lógica ocidental.

Cabe aqui destacar que os dois enredos dialogam com diferentes áreas culturais e de conhecimento: literatura, cultura, historiografia, geografia, hibridismos diversos, mestiçagem, nomadismo, errância, dentre outros modos e percursos de configuração sócio/cultural, e que a sua maneira, ambos mapeiam o complexo processo de invenção e reinvenção desses espaços, observando-os como lugares de inúmeras possibilidades de imbricações culturais. Além é claro, de desenhar para o leitor regiões diversas, ora aparentes ora ocultados pela ignorância de gerações de escritores que disseram sobre esses espaços e suas gentes.

Por essa razão, essas duas comarcas culturais, figuram nas duas obras como complexos cenários onde as diferenças são apresentadas não como estigmas de inferioridade cultural, mas como áreas culturais² que possuem suas próprias dinâmicas e temporalidades, de maneira a apontar para os modos através dos quais as culturas e as lógicas que as regem, podem ser diferentes e, nem por isso, inferiores.

² Em *El Sur y los Trópicos*. Ensayos de cultura latino americana. Ana Pizarro faz um brilhante apanhado do que são e como foram sendo reconfiguradas as áreas culturais na América Latina ao longo da história.



Sob essa forma de pensar, os romances *Dois Irmãos*³ (2000), de Milton Hatoum e *Os Rios Profundos* (1978), de José Maria Arguedas, são espaços autenticamente fecundos para percebermos nessas representações as riquezas de continente heterogêneo como é a América, vendo-as como textualidades representativas de como as culturas se interagem umas com as outras, especialmente nessas duas regiões.

Assim pensando, tomamos como ponto de partida o seguinte questionamento, como aproximar a Amazônia brasileira e o Peru, localizando como ponto de partida a voz de narradores que narram suas histórias desde perspectivas e lugares tão diferentes e aparentemente desconexos como é o caso dos Andes peruanos e da Amazônia brasileira? A pergunta não é apenas retórica, uma vez que além de lugares marginalizados pela historiografia oficial, via de regra, ambos foram etnocêntricamente⁴ difundidos e suportaram processos de colonização que tiveram como protagonistas a princípio, os europeus espanhóis⁵.

Daí porque, acompanhar os ecos das vozes de narradores como Nael e Ernesto nos possibilita ver nessas histórias, uma via de aproximação entre esses dois espaços. Não sem razão, tanto Ernesto quanto Nael trazem para o primeiro plano das narrativas imagens precisas dos modos através dos quais ocorrem as interações culturais nesses lugares. Como nesses excertos a seguir transcrito, em que os dois narradores, descrevem lugares específicos de um mesmo continente andino e amazônico, composto por extratos humanos ricos na sua diversidade, indígenas, imigrantes, nacionais, estrangeiros dentre outros. Vejamos:

[...] Mas ali, em Abancay, cheia de soldados, e daqueles guardas de esporas e de perneiras brilhantes, de senhores recém-chegados que olhavam o povo dos bairros com uma fisionomia tão enjoada como a de um mordomo de grande fazendeiro [...] (ARGUEDAS, 1978, p. 169).

Ou ainda:

Nesse bairro viviam as vendedoras das praças dos mercados, os peões e carregadores que trabalhavam em ofícios citadinos, os guardas os empregados das raras casas dos comércios; a estavam as hospedarias onde se hospedavam os litigantes dos distritos, os arrieiros e os viajantes mestiços. (ARGUEDAS, 1978, p. 62).

³ A partir de agora passaremos a usar as abreviações *DI* para *Dois Irmãos* e *RP* para *Os Rios Profundos* todas as vezes que mencionarmos esses romances.

⁴ De acordo com Kalina e Henrique Silva, (2005), o etnocentrismo pode ser entendido como “ uma expressão ao mesmo tempo racional e emocional pela qual um grupo, fechado em sua própria visão de mundo, julga entender o outro por meio de seus próprios valores”. Ou seja, o etnocentrismo pode ser entendido como a dificuldade que as pessoas têm de compreender os outros , somado a necessidade de “transformar esses outros em algo que lhes seja conhecido”.

⁵ É interessante notar que a Amazônia brasileira foi inaugurada discursivamente pelos espanhóis (tendo Gonçalo Pizarro à frente, depois Francisco Orellana), de acordo com o Relato de Viagem de Frei Gaspar de Carvajal (1541-1542). No que concerne ao processo de colonização peruano, foram os irmãos Pizarro os aventureiros que tiveram à frente da empreitada colonialista.



Nessa passagem, a voz de Ernesto, cria a imagem de um momento em que soldados chegam a pequena e distante Abancay, uma cidadezinha situada no interior da serra andina. Nessa cena, o narrador deixa o interdito de que, migrantes, indígenas, dentre outros grupos étnicos transitam nessas regiões, e mais ainda, os modos como esses grupos podem interatuar nesses locais. Soldados, senhores de fazendas, forasteiros, viajantes todos pondo seus imaginários, corpos e línguas em contato direto com as culturas e modos de vida que regem a dinâmica desse lugar.

Noutro campo perceptivo o narrador Nael também destaca imagens de como as ruas de Manaus também são palco dessas interações. Ele descreve como a mistura de gentes, pode ser vista no dia a dia dessa metrópole. Todos se imbricando mutuamente através de processos de revides e outros modos de transações. Como nas passagens a seguir transcritas:

Uma mistura de gente, de línguas, de origens, trajes e aparências. Juntaram-se na igreja Nossa Senhora dos Remédios e juntos ouviram a homilia do padre Zoraier. Halim me mostrou o álbum do casamento, de onde tirou uma fotografia que apreciava [...] (HATOUM, 2000, p. 54)

Ou ainda:

Nesse bairro viviam as vendedoras das praças dos mercados, os peões e carregadores que trabalhavam em ofícios citadinos, os guardas os empregados das raras casas dos comércios; estavam as hospedarias onde se hospedavam os litigantes dos distritos, os arrieiros e os viajantes mestiços. (ARGUEDAS, 1978, p. 62)

Ainda sobre as passagens citadas acima, percebe-se que os lugares de encontros, estão marcados pela existência de culturas que florescem e se dinamizam a partir de suas trocas. O que estamos dizendo é que as relações de mobilidades, inerentes aos deslocamentos dos sujeitos, funcionam como práticas geradoras de “zonas de contato”, lugares nos quais “pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contato umas com as outras e estabelecem relações contínuas geralmente associadas às circunstâncias de desigualdade radical”. (PRATT, 1999, p. 31-32)

São contatos que possibilitam trocas de bens culturais e simbólicos que resultam num emaranhado que Édouard Glissant nomeou de poética do *caos-mundo*, ou seja, “o choque, o entrelaçamento, as repulsões, as atrações, as convivências, as oposições, os conflitos entre culturas dos povos na totalidade do mundo contemporâneo” (GLISSANT, 2005, p. 98). Como esses artifícios, o elo entre tradição e modernidade se articulam na obra de Arguedas e Hatoum.

Ainda por esse viés, o pensador antilhano sugere que a totalidade na contemporaneidade não mais aceita a fragmentação entre as culturas, ao contrário, impulsiona as mobilidades e as interações entre os sujeitos e os espaços, proporcionando ao homem contemporâneo um entrelaçar de outros já emaranhados espaços simbólicos e



culturais impensável do ponto de vista da fixidez das geografias simbólicas, culturais e consequentemente, dos sujeitos.

Nessa mesma direção, e num contexto ainda mais amplo, Silviano Santiago afirma que o escritor latino-americano não pode limitar-se à ingenuidade de reproduzir um modelo preestabelecido, mas também deve libertar-se das amarras de uma escritura presa a modelos canonizados.

O imaginário, no espaço do neocolonialismo, não pode ser mais o da ignorância ou da ingenuidade, nutrido por uma manipulação simplista dos dados oferecidos pela experiência imediata do autor, [seus escritos devem se afirmar] mais e mais como uma escritura sobre outra escritura. (SANTIAGO, 2000, p.21).

A reflexão que este pesquisador apresenta sobre o fazer literário do escritor latino-americano é de extrema importância para pensarmos nos textos de Hatoum e Arguedas como espaços propícios para esse exercício. Neles, a escrita literária encontra-se definitivamente associada a elementos históricos, geográficos e antropológicos que não se limitam a reproduzir geografias humanas estáticas, ao contrário, há diversas regiões históricas povoadas de sujeitos transportando experiências pertinentes às geografias diversas.

Ambos desenham imagens da riqueza e ambivalência de territórios nos quais suas geografias propiciam encontros reais e simultaneamente simbólicos, onde pessoas se encontram, se acham, se perdem, se unem, entretecendo histórias e identidades construídas por meio de poéticas diversas e impensáveis numa visão etnocêntrica.

Nesse sentido, podemos dizer que os enredos de *DI* e *RP* podem ser percebidos como reação a uma retórica fechada sobre a América Latina, de modo a apontar novas ordens planetárias sendo expostas como opção de compreensão baseada na pluriversalidade e na mobilidade contidas nas/pelas errâncias dos sujeitos locais e globais.

Como nos momentos em que na suavidade da voz de Nael vão surgindo espaços, históricos e físicos formados por extratos humanos que se imbricam ao extrato migrante, estrangeiro, indígena de diversas regiões do globo. Como no momento em que Nael apresenta Rochiram, a personagem indiana que “falava devagar, sussurrando em inglês e espanhol as frases que pensava dizer em português [...] e que vivia em trânsito, construindo hotéis em vários continentes. “Era como se morasse em pátrias provisórias, falasse línguas provisórias e fizesse amizades provisórias” (HATOUM, 2000, p. 169).

Emergem dessas imagem extraordinárias representações de como os sujeitos transportam experiências pertinentes às geografias diversas, dando a medida das identidades particulares gestadas nos contatos e trocas culturais.



Dos passeios solitários de Ernesto, ouve-se mais que o barulho das águas contra os rochedos, ou o canto do zumbaylo encantado espalhando sua magia, o que também se desenha, são diferenças, abordadas num contexto no qual a convivência forja a intersecção entre múltiplas culturas.

Relações marcadas por traços de aceitação, estranhamento entre sujeitos espaços díspares, interrelacionados entre si, fazendo brotar poéticas culturais híbridas.

O Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam, vidas em transito, um vaivém de vozes que contavam um pouco de tudo. (HATOUM, 2000, p.33)

Judeus, marroquinos, franceses, espanhóis, portugueses, ribeirinhos, caboclos, todos coexistindo interagindo, dinamizando as trocas gastronômicas e linguísticas que esses encontros no Biblos proporcionavam.

Já no enredo de *RP*, as chincerías embora lúgubres, também abrigam encontros de índios, cholos, gentes de outras províncias como Cajamarca, Huancavelica, Collao, habitantes das comunidades de Huaraz todos também coexistindo e interagindo num mesmo espaço social e cultural.

Então os olhos dos arpistas brilhavam de alegria; chamava o forasteiro e lhe pedia que cantasse em voz baixa [...] o violinista apreendia e tocava; a harpa acompanhava. Quase sempre o forasteiro corrigia varias vezes: 'Não; não é assim! Não é desse jeito!' E cantava em voz alta, tentando impor a verdadeira melodia. Era impossível. O tema era idêntico, mas os músicos transformavam o canto num *huayno* do Apurímac de ritmo vivo e terno. (ARGUEDAS, 1978, p. 63-64)

A cada visita ao bairro era como se ele revivesse na memória os encontros antigos, sons e gostos que disfrutou com pessoas de outros povoados. Como o reencontro com mestre Oblitas, o músico que chegara a Abancay para tocar na chincería de dona Felipa. Esse músico, "devia ter estado em mil festas de mestiços, senhores e índios; e se chamava de *Papacha*, só podia ser porque ele era um mestre, um mestre famoso em centenas de povoados". (ARGUEDAS, 2005, p. 228) "eu o reconheci. Era de Ayacucho ou de Huancavelica. (ARGUEDAS, 2005, p. 229). Ou um *Kimichu*, uma espécie de músico peregrino que vagava de cidade em cidade, pedindo esmola, convocando as pessoas e carregando um retábulo da virgem de Cocharcas. Assim Ernesto o descreve:

...chamou-me a atenção, o rosto e o aspecto do peregrino. Ambos se vestiam como índios de Andahuaylas, de baeta branca mesclada de cinza. O acompanhante tinha uma barba quase loira; seu paletó era curtíssimo. Um cachecol grosso, de fundo escuro, no qual se destacavam grandes figuras de flores entre linhas ondulantes, parecidas com talos aquáticos, amarelos, cobria seu pescoço [...] os cabelos caíam-lhe, em tranças, sobre o cachecol. [...] seus olhos eram claros transmitiam uma profunda inquietude. [...] aquela



barba loira, talvez o cachecol, não eram somente dele, pareciam surgir de mim, de minha memória. (ARGUEDAS, 2005, p.226-227)

Ernesto o reconhece quase que instantaneamente, sabe que o andarilho, não é de Abancay tanto pelo colorido de suas roupas, como pelo sotaque e gestos que realiza. A presença alegre e divertida desse andarilho traz alegria a Ernesto que ao ouvi-lo, lembra um raro rearranjo musical que parecia ter saído da voz de “um nativo de Paraisancos” (ARGUEDAS, 2005, p. 233). Vejamos:

- Por acaso você não esteve em Aucará, numa festa do senhor de Untuna, com outro *Kimichu*, faz alguns anos?
- Estive – disse ele.
- Cantou a beira da laguna, numa grande cacha onde dizem que apareceu o senhor?
- Sim.
- E entrou um espinho de *anku* em seu pé, quando você caminhava; e meu pai, um senhor de olhos azuis, lhe deu meia libra de oro?
- Claro! Você era um menininho, assim, assinzinho – e assinalou a altura sobre o chão. [...]
- Esse canto é de Paraisancos?
- Não. De Lucanamarca é. Um moço voltando da costa, cantou-o. Ele o fez, com música de povoado. Eu o vi, aqui, da rua, e entrei. Eu, pois, sou cantor. (ARGUEDAS, 2005, p. 235)

No fragmento em tela, entendemos que os deslocamentos de Ernesto lhe permitem também, ocupar esse *terceiro espaço* entre as culturas da serra evocando reminiscências de topografias concretas e imaginadas a escoar da voz narrativa. O artifício acionador das reminiscências trazidas são as mobilidades, isto é, os trânsitos pelas paisagens imensas no entorno dos movimentos desses sujeitos.

Nesse outro fragmento textual, observamos o personagem Nael transitar por territórios híbridos, compostos pelas histórias das culturas, representados por um burburinho de línguas diferentes que povoam as ruas de Manaus, a oferecer a medida das identidades particulares gestadas não apenas na Amazônia brasileira, mas em praticamente toda a América Latina.

[...] catraieiros à espera da primeira travessia, carregadores seminus, garapeiros e vendedores de frutas que armavam tendinha de lona. Ela, elegante dos sapatos ao chapéu, usava um vestido sóbrio, cinzento, mais propício a uma solenidade noturna a um encontro matinal num cais [...] (HATOUM, 2000, p. 175).

Desse ponto de vista, os deslocamentos culturais surgem como elos de acesso a essas “zonas”, onde a separação e a segregação das culturas dão lugar a muitas outras alteridades culturais que se amalgamam até formar novas áreas culturais, através do exercício de negociação e reformulação contínua de práticas econômicas ainda mais complexas, que são geradas performativamente e que são prenes de sentidos.

Quanto as dinâmicas temporais que regem essas “zonas”, percebemos que os acontecimentos situam-se metaforicamente no campo de variáveis do tempo linear



cronológico e subjetivo ao mesmo tempo em que se articulam-se ao tempo da alma. Uma façanha que, segundo Paul Ricoeur (2012), somente é possível em narrativas que articulam e conciliam uma ordem/desordem temporal que ressignifica o mundo, perfazendo as ações internas e externas as personagens e, nos levam a perceber como os espaços podem abrigar tempos distintos haja vista serem regidos por modos distintos de vida e, justamente por isso, essas duas obras subvertem um pensamento isolacionista e simplista sobre essas duas regiões.

Para finalizar, essa brevíssima reflexão, retomamos o tema do trabalho – Re)configurações das mobilidades culturais em *Os rios profundos*, de José Maria Arguedas, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum – a fim de reafirmar que nosso olhar pode ser como o do cartógrafo pois é, antes de tudo, um mapear de um território um explorar a natureza, percorrendo espaços e neles identificando lugares – recortes do território dotados de sentidos, aos quais se nomeia, precisando os significados – ou descobrindo paisagens, estas frações do espaço organizados pela estética do olhar cartografar é, portanto, para usar a feliz expressão de Pesavento (2005), uma atividade simbólica de representação do mundo, e os deslocamentos culturais dos sujeitos que nos aponta como é possível instaurar novas imagens do espaço latino americano sem o ranço nefasto do colonialismo.

Fechamos este breve trabalho apontando o percurso das mobilidades culturais figuradas no universo da letra arguediana e hatouniana, como ponte/caminho para percebermos, no testemunho das trocas culturais trazidas no bojo da travessia de Nael e Ernesto – a representação de sujeitos e de vidas plurais que andam para além de si mapeando as zonas de diálogo com a bacia cultural latino-americana.

REFERÊNCIAS:

ALTO, Rômulo Monte. *Descaminhos do Moderno*: em José Maria Arguedas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ARGUEDAS, José María. *Os rios profundos*. Trad. Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BOLOÑOS, AIMÉ. *Las palabras viajeras*. Madrid: Editorial Betânia, 2010.

CORNEJO POLAR, A. *Escribir en el aire*. Lima: Editorial Horizonte, 1993.

_____. *O condor voa*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

COSGROVE, Denis. *A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas (1989)*. In: CORRÊA; ROSENDAHL, 2004: pp.111- 112.

COUTINHO, Eduardo Faria. Do uno ao diverso: breve histórico crítico do comparatismo. *Revista Organon*. n. 10, v. 24. Porto Alegre: UFRGS, 1996, pp. 25-33.



_____.& CARVALHAL, T. F. (orgs). *Literatura comparada, textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

_____. *Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone*. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. n. 3. Rio de Janeiro: Abralic, 1996b, pp. 67-73.

CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. (org.) *Memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente, Dois Irmãos e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. Manaus: Editora Valer, Oficina das Artes, 2007.

CULLER, Jhonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

CURY, Maria Zilda Ferreira. De orientes e relatos. In: SANTOS, Luis Alberto Brandão; PEREIRA, Maria Antonieta. *Trocas culturais na América Latina*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, pp. 165-177.

_____. Fronteiras da memória na ficção de Milton Hatoum. In: *Revista Letras*. v.26. Santa Maria, 2003, pp. 11-19.

_____. Imigrantes e agregadas: personagens femininas na ficção de Milton Hatoum. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa (Org.). *Gênero e representação na literatura brasileira*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, pp. 305-318.

FANTINI, Marli. Águas turvas, identidades quebradas – hibridismo, heterogeneidade, mestiçagem & outras misturas. In: *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. Org.: ABDALA JUNIOR, Benjamim. São Paulo: Boitempo, 2004.

GALINDO, Alberto Flores. *Los últimos anos de Arguedas: intelectuales, sociedade e identidade em el Perú*. Dos ensayos sobre José Maria Arguedas. Lima: SUR/casa de los estudios del socialismo, 2011. pp. 172-177.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Tradução: ROCHA, Enilce do Carmo Albergaria. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

_____. *Poética da Relação*. Tradução: MENDONÇA, Manuela. Portugal: Porto Editora, 2011.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

JOBIM, José Luis. *Literatura e cultura: do nacional ao transnacional*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

MIGNOLO, Walter. *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Dcolonial Options*: Durk University, 2011.

_____. *Histórias Locais / Projetos Globais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Trad.: OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. A experiência identitária na lógica dos fluxos: uma lente para se compreender a vida social. In. MOITA LOPES, Luiz Paulo da; BASTOS, Liliana Cabral. *Para além da identidade: fluxos, movimentos e trânsitos*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença – a política dos estudos culturais latino-americanos*. Tradução: REIS, Eliana Lourenço de Lima; GONÇALVES, Gláucia Renate. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Um historiador nas fronteiras*. O Brasil de Sergio Buarque de Holanda. Belo Horizonte: UFMG, 2005.



PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império – relatos de viagem e transculturação*. Tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Revisão técnica Maria Helena Machado, Carlos Valero. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

PELLEGRINI, T. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. In: **Luzo-Brazilian Review**. v. 41-1. 2004, pp. 121-128.

PIZARRO, Ana. *Imaginário y Discurso: La Amazonía*. In: Revista de Critica Literária Latino Americana. Año XXXI, Nº 61. Lima-Hanover, 1º semestre de 2005, pp. 59-74.

_____. *O sul e os trópicos*. Rio de Janeiro, Eduff, 2006.

_____. *Voces Del Seringal: Discursos, Lógicas, Desgarramientos Amazónicos*. In: D'ANGELO, Biaggio; PEREIRA, Maria Antonieta. *Um Rio De Palabras – Estudos Sobre Literatura Y Cultura De La Amazônia*. Orgs.: Lima, Peru: Fondo Editorial UCSS; Embajada do Brasil en Lima; FALE/UFMG, 2007.

POLAR, Antonio Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americana*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

_____. *Los universos narrativos de José María Arguedas*. Buenos Aires: Editorial Losada AS, 1973.

_____. *Escribir en el aire*. Lima: Editorial Horizonte, 1993.

RAMA, Angel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo Veintiuno, 1982.

_____. *A cidade das letras*. Introdução Mário Vargas Llosa. Prólogo: Hugo Achugar. Tradução: Emir Sader. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005.

XI CONGRESSO
BRASILEIRO
DE HISPANISTAS

